**UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE COVID-19[[1]](#footnote-1)**

Roberta Pereira Vieira de Souza[[2]](#footnote-2)

**RESUMO:** Em razão do pouco conhecimento sobre todas as formas de transmissão de covid-19 em 2020, o Ministério da Saúde orientou a população para além das ações individuais de profilaxia, isolamento e distanciamento social, isso também incluiu o fechamento de escolas. Isto posto, o objetivo deste trabalho é analisar as condições de acesso de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino remoto emergencial. O estudo está amparado na teoria histórico cultural considerando o conceito de desenvolvimento humano nos princípios de Vigotski. Desse modo, atuando como docente da turma e pesquisadora, nos pautamos nos registros das atividades de caráter pedagógico e do contato com as famílias pelo aplicativo *WhatsApp*, e no diário de campo. Na análise, a partir da abordagem microgenética, apontamos para a fragilidade das condições de acesso dos alunos no decorrer do ensino remoto.

**Palavras-chave:** pandemia de covid-19; condições de acesso; escolarização; tecnologia.

**INTRODUÇÃO**

Em razão do pouco conhecimento sobre todas as formas de transmissão de covid-19 em 2020, o Ministério da Saúde do Brasil (2020), orientou a população, para além das ações individuais de profilaxia (higiene das mãos e uso de máscaras), sobre outras medidas de prevenção. Isso incluiu o fechamento de escolas, comércios e outros locais de trabalho considerados não essenciais, entre eles atividades em templos religiosos, e o cancelamento de eventos culturais e esportivos, para evitar a aglomeração de pessoas.

A educação se viu obrigada a adotar objetivos, práticas e princípios para viabilizar a redução dos prejuízos causados à garantia da preservação do direito à educação e do aprendizado. No entanto, uma marca desse momento histórico foi a existência de os meios de comunicação a distância com uso da internet e de instrumentos técnico-semióticos[[3]](#footnote-3) que viabilizaram a proposição do ensino remoto emergencial, mesmo que de forma desigual entre os cidadãos (Pino, 2003; Santos, 2020).

Entre as primeiras indicações para realização de atividades remotas do Ministério da Educação (2020), veio a afirmação de que a carga horária trabalhada pelo docente a distância computaria como período letivo, com base na Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, que dispôs sobre a autorização das atividades remotas não presenciais por meios digitais enquanto a pandemia de covid-19 permanecesse. Tal ação foi pensada como forma de dar continuidade a educação, tendo por meio das atividades propostas, a validação da carga horária prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996). Ressaltamos que essa portaria, apesar de se referir ao Ensino Superior, foi utilizada como parâmetro para portarias municipais no âmbito da Educação Básica.

Inserida nesse contexto, este trabalho, recorte de uma pesquisa de mestrado,[[4]](#footnote-4) teve como objetivo analisar as condições de acesso de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino remoto emergencial, matriculados em uma classe especial de uma escola pública da rede municipal de Duque de Caxias.[[5]](#footnote-5)

Voltamos o foco analítico da pesquisa para o processo da observação minuciosa das condições de aprendizagem dos alunos durante o ensino remoto, constituída por meio das relações estabelecidas entre alunos, famílias e docente, em meio a um período atípico ainda não vivenciado, pautados pelos conceitos da teoria histórico-cultural de Vigotski.

Cabe salientar que os princípios da teoria histórico-cultural estão estruturados na ideia de que o homem é um ser histórico e social, capaz de transformar e ser transformado por meio das relações sociais que são estabelecidas por ele ao longo da vida, uma vez que, “todo desenvolvimento cultural passa por três estágios: em si, para os outros e para si” (Vigotski, 2000, p. 24). Nesse sentido, compreendemos que o desenvolvimento humano se dá no entrelaçamento do biológico com o cultural, com a participação do homem na vida social e na apropriação dos significados inerentes à cultura da qual ele faz parte.

Assim, como pesquisadora, pauto as discussões deste estudo com base nos aspectos teóricos-metodológicos da teoria histórico-cultural para compreender as condições em que se deram o ensino remoto emergencial no contexto da pandemia de covid-19, dada a continuidade da educação fora do espaço escolar e a ausência das relações sociais estabelecidas nele, por defender a ideia de que a construção do conhecimento em uma pesquisa se faz com o outro e também por compreender a “perspectiva da aprendizagem como processo social compartilhado e gerador de desenvolvimento” (Freitas, 2002, p. 25).

Os sujeitos participantes do estudo foram três alunos com TEA, Joaquim, Lauro e Maria,[[6]](#footnote-6) matriculados na classe especial da escola *locus* do estudo. Desse modo, também como professora dos alunos, utilizei duas estratégias para aproximação do problema da pesquisa: entrevista por pautas com os responsáveis, conforme Gil (2008); e, o registro de todo trabalho pedagógico desenvolvido ao longo de 2020 e 2021. Nesse contexto, o trabalho, tanto da atuação quanto da pesquisa, foi realizado pelo aparelho de telefone celular, por meio do aplicativo *WhatsApp*, no qual ficaram registradas todas as interações com as famílias. Em relação as atividades pedagógicas, estas eram enviadas quinzenalmente no formato pdf. e o auxílio no processo de mediação se dava por meio do envio de vídeos explicativos e áudios, assim como, a elaboração de estratégias para o desenvolvimento dessas.

A entrevista por pautas teve como foco a identificação das condições sociais e econômicas do cotidiano dos alunos e a visibilidade das condições de escolarização domiciliar, assim como os desafios relativos aos processos dessa escolarização em tempos de pandemia de covid-19. Destarte, conduzimos as entrevistas com a flexibilidade necessária para o levantamento de aspectos que se deram a partir dos relatos e das situações que foram evidenciadas durante esse processo (Gil, 2008). As entrevistas foram realizadas com os responsáveis por meio de videochamadas, entre os meses de fevereiro e abril de 2021, e registradas com um gravador de voz do aparelho celular e do computador, com duração, em média, de duas a três horas cada. As transcrições das entrevistas e os materiais construídos foram organizados em pastas, nomeados e arquivados no computador.

Para análise dos dados nos pautamos na análise microgenética de Góes (2000), que tem como foco as minúcias dos relatos, o detalhamento dos acontecimentos, dentre outros aspectos relevantes. A análise foi realizada no processo de descrição, explicação e busca de sentidos que circunscrevem a problemática estudada. Para dar melhor visibilidade as análises e ao debate, os dados na pesquisa foram organizados em categorias. Ressaltamos que durante a transcrição das entrevistas novos elementos surgiram, assim, em acordo com a pré-análise, constituímos as subcategorias para as discussões. Desse modo, as discussões aqui apresentadas correspondem a subcategoria intitulada: *acesso aos ambientes virtuais e aos equipamentos tecnológicos*.

Dado o exposto, na entrevista por pauta buscamos a identificação das condições sociais e econômicas do cotidiano dos alunos e de visibilidade da escolarização domiciliar, bem como, os desafios relativos aos processos dessa escolarização em tempos de pandemia de covid-19. As análises sobre essas condições, indicaram a necessidade de compreendermos as formas do acesso a equipamentos eletrônicos, internet, aplicativos específicos utilizados no apoio aos alunos, o acompanhamento familiar com o uso destes instrumentos tecnológicos, além de todo o aparato necessário para que houvesse um espaço-tempo adequado para que os alunos realizassem algumas atividades e, por fim, mantivessem vínculos comigo, professora da turma, e com a escola.

Nesse contexto, com relação ao uso dos aparelhos que possibilitaram a conexão em rede, os relatos dos responsáveis em contato comigo indicam que, apesar de eles terem computadores, não é evidenciado o uso desses aparelhos para realização das atividades. Outro aspecto revelado nos relatos dos familiares é, no caso do aluno Lauro, a dificuldade em manter os cuidados necessários com o computador, que, por diversas vezes, ele quebra, dando, com isso, prejuízos, como se pode ver no trecho: “compramos um computador usado e pretendemos comprar uma impressora usada também […] está guardado para ele não ver. Se ele pegar, pode quebrar, porque ele não gosta”.

Essa questão reitera a fragilidade socioeconômica da família de Lauro, evidenciada na necessidade de comprar “um computador usado” e de adquirir “uma impressora usada”.Assim, consideramosque os termos “usado e usada” revelam um custo mais baixo, reafirmando as dificuldades financeiras da família na aquisição dos aparelhos. As análises também evidenciam a ausência de recursos tecnológicos, que deveriam ser dispensados pelo governo aos alunos, e ainda demonstra o aprofundamento das desigualdades sociais e educacionais, percebido no trecho “temos um celular que é de todo mundo”.

Essas desigualdades também impactaram o acesso dos alunos às atividades disponibilizadas pela escola por meio digital em formato pdf. Como muitos alunos não tinham como acessar o material digital, entre os meses de setembro e dezembro de 2020 a escola decidiu disponibilizar o material com as atividades pedagógicas em formato impresso. Essa foi uma ação organizada por toda a equipe escolar, para dar suporte aos pais que possivelmente não tinham os recursos tecnológicos necessários para acessar as atividades em formato digital e não podiam arcar com os custos das impressões, prática de algumas famílias. Contudo, os responsáveis pelos alunos participantes da pesquisa optaram por não retirar as atividades na escola.

Portanto, ao analisarmos as condições de acesso de alunos com TEA durante o desenvolvimento do ensino remoto, identificamos muitas perdas provenientes ao isolamento social na trajetória acadêmica dos alunos e nos aspectos do trabalho pedagógico que buscaram uma aproximação entre escola e aluno, pelo aparelho de telefone celular por meio do aplicativo *WhatsApp.* Em meio a essas perdas, as análises também indicam que os responsáveis não tinham conhecimento técnico para auxiliar seus filhos no desenvolvimento dessas atividades, dado os relatos dos mesmos e as ausências de devolutivas. Esse aspecto culminou na impossibilidade de desenvolvermos a categoria sobre o processo de ensino-aprendizagem pensado inicialmente para o estudo.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Portaria no 544, de 16 de junho de 2020.** Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872. Acesso em: 18 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Presidência da República. **Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid-19**: painel coronavírus. Brasília, DF, 2020f. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acesso em: 11 out. 2020.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 20-39, jul. 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 50, abr. p. 9-25, 2000.

PINO, Angel. Técnica e semiótica na era da informática. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v. 3, n. 2, p. 283-296, maio/ago. 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 21-44, 2000. DOI: https://doi.org/10.1590/s0101-73302000000200002. Acesso em: 25 abr. 2023.

1. Resumo expandido apresentado ao Eixo Temático 4 – **As Redes educativas e as tecnologias: Tessituras de solidariedade e de convivências nos diferentes espaçostempos educativos da educação inclusiva** do XII Seminário Internacional: As redes educativas e as tecnologias - 2024. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FEBF). [↑](#footnote-ref-2)
3. Segundo Pino (2003), a conceituação de técnica e semiótica constitui um conjunto de recursos voltados para as tecnologias, que são inventados pelo homem para atender às suas necessidades existenciais ao longo dos anos. [↑](#footnote-ref-3)
4. Com relação aos critérios éticos, ressaltamos que o estudo, aprovado pelo Comitê de Éticaem Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEP/UERJ), CAAE: 26579119.0.0000.5259, parecer no 3.960.417, cumpriu todos os requisitos básicos necessários à aproximação com os alunos, familiares e profissionais da escola. [↑](#footnote-ref-4)
5. Vale ressaltar que o termo TEA, segundo a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, é uma síndrome clínica caracterizada “[...] por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social [...]” (Lei nº 12.764, 2012). [↑](#footnote-ref-5)
6. Os nomes são pseudônimos escolhidos para preservar a identidade de cada aluno. [↑](#footnote-ref-6)